



GT 81. Dimensões políticas da Antropologia do Esporte: legados dos estudos de Simoni Lahud Guedes

Coordenador(es):

José Ronaldo Mendonça Fassheber (UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná)

Em 1977 Simoni Lahud Guedes defende sua dissertação de mestrado no Museu Nacional (UFRJ) intitulada “Futebol Brasileiro: instituição zero”. Tal pesquisa inaugura, na Antropologia, os estudos sobre futebol e prenuncia, evidentemente, um inédito campo de Antropologia do Esporte no país. Apesar do trabalho citado não ter sido publicado na íntegra, direta ou indiretamente influenciou, em anos subsequentes, professoras/es e pesquisadoras/es, que se lançaram em pesquisas sobre o futebol e seus elementos constitutivos e sobre problemáticas desta nova subárea de conhecimento. A partir deste cenário instituído e da importância crescente que ganha o esporte enquanto objeto de análise na atualidade, o objetivo deste GT é resgatar o legado de uma produção antropológica sobre esportes, que possa dar conta da envergadura e da importância dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos em âmbito regional/nacional (e também em comparação com América Latina) nas temáticas discutidas na produção acadêmica da Simoni Guedes, nos últimos 40 anos: antropologia do corpo, futebol e identidade nacional, dimensões sociais e políticas do esporte, situações de conflito entre torcedores de futebol, socialização e profissionalização via esportes, políticas públicas esportivas no Brasil e/ou na América Latina, e estudos antropológicos de práticas esportivas. Para tanto, o GT aceitará pesquisas concluídas ou em andamento, de mestrado, doutorado ou pós-doutorado vinculadas de alguma maneira a tais temáticas.

Considerações sobre projetos sociais, práticas esportivas e transmissão de saberes: uma análise a partir do Projeto Gerson (Niterói ? RJ)

Autoria: Roberta Brandão Novaes (FAN - Faculdade Nobre de Feira de Santana), Pedro Pio de Oliveira Filho

Neste texto, analisaremos a transmissão de saberes e experiências sobre futebol em um projeto social esportivo, o Projeto Gerson. Aqui, retomamos os resultados de um projeto de pesquisa do CNPQ coordenado pela professora Simoni Lahud Guedes, no início dos anos 2000. Na época, como bolsistas de iniciação científica, fizemos por cerca de um ano work de campo no Projeto Gerson, que funcionava na Concha Acústica da cidade de Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. O mencionado projeto levava o nome do famoso jogador que o viabilizou. Foram feitas entrevistas com professores e alunos do projeto, além de um acompanhamento sistemático das aulas de futebol. O work de pesquisa coordenado por Simoni tinha como principais focos de análise o impacto das trajetórias de fracasso e sucesso dos jogadores de futebol na vida dos jovens que se dedicam àquele esporte, bem como os saberes, moralidades e corporalidades associados à prática do futebol entre trabalhadores urbanos. Os recortes de investigação de cada um dos pesquisadores envolvidos na pesquisa mais ampla envolviam diferentes dimensões do universo pesquisado. Um dos aspectos específicos, por exemplo, era entender como o futebol compunha o projeto de vida das crianças e jovens do Projeto Gerson considerando a perspectiva de gênero. No artigo ora apresentado, discutimos os dados dessa pesquisa empírica, dialogando com as contribuições de Simoni Lahud ao campo da antropologia do esporte e aos estudos de classe trabalhadora urbana. Uma das considerações do work é que o investimento feito pelos jovens do Projeto Gerson na carreira de jogador não se resumia aos saberes esportivos, mas também aos preceitos morais sempre enfatizados pelos professores: para ter sucesso como atleta seria preciso disciplina, respeito às normas, boa educação, sacrifício, pontualidade, assiduidade. Sob esse ponto de vista, os preceitos morais ensinados no Projeto Gerson reproduziam, com bastante fidelidade, aqueles que orientam os trabalhadores urbanos no Brasil, enfatizando a necessidade constante do esforço e



do sacrifício para a obtenção de resultados relativamente incertos (GUEDES, 1997) .

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: